

A TRILHA DA PROTEÇÃO: DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E VIOLÊNCIA SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

THE TRAIL OF PROTECTION: DIALOGUES AND REFLECTIONS ON GENDER AND SEXUAL VIOLENCE OF CHILDREN AND ADOLESCENTS IN SCIENCE TEACHING

Alexandre José Krul¹

Artiese Machado Madruga²

Bruna Kern Moura³

Dhenifer Caroline Kraus⁴

Eonice Tozin⁵

Rúbia Emmel⁶

Resumo

Esta pesquisa em ensino de Ciências na Educação Básica na temática de gênero e de violência sexual, com o propósito de possibilitar diálogos e debates mais abertamente sobre esse tema. A investigação teve como objetivo compreender as relações e as concepções entre gênero e violência sexual dos estudantes no âmbito da Educação Básica. Através da legislação vigente e de referenciais bibliográficos da área, foi possível aprofundar o conhecimento sobre os temas: gênero e violência sexual e como atingem as crianças e adolescentes, o que possibilitou a elaboração de um jogo didático. Nesta pesquisa foi realizada uma intervenção com um jogo didático “Trilha da Proteção”. A população de pesquisa



¹ Professor Doutor, na área de Filosofia, Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa. E-mail: alexandre.krul@iffarroupilha.edu.br

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: artiesemachadomadruga@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: bruninhakern83@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: dheniferkraus@gmail.com

⁵ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Santa Rosa, e-mail: eonicetozin50@gmail.com

⁶ Professora Doutora, na área de Pedagogia e ensino de Ciências Biológicas, Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PPGEC), Mestrado, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo. E-mail: rubia.emmel@iffarroupilha.edu.br

foram os estudantes de duas turmas do 7º ano (Turma A e Turma B) e do 8º ano (Turma A e Turma B) do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual, do município de Santa Rosa, totalizando em 98 alunos. Através do jogo “Trilha da proteção” foi possível o empoderamento dos sujeitos perante a violência sexual, que tiveram a possibilidade de dialogar, trocar e compartilhar conhecimentos sobre a temática. Portanto, nesta pesquisa compreendemos que o gênero, a violência de gênero, a violência sexual, podem fazer parte dos currículos escolares, inclusive nas aulas de Ciências e Biologia. Concluímos que, ao mesmo tempo que a escola está formando um estudante, ela também está formando sujeitos de linguagem, que são marcados por discursos e por relações de poder.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Crianças e Adolescentes; Gênero; Violência Sexual.

Abstract

This research in the teaching of Science in Basic Education in the theme of gender and sexual violence, with the purpose of enabling dialogues and debates more openly on this theme. The objective of the research was to understand the relationships and conceptions between gender and sexual violence of the students in the scope of Basic Education. Through the current legislation and bibliographical references of the area, it was possible to deepen knowledge about the themes: gender and sexual violence and how they affect children and adolescents, which made it possible to elaborate a didactic game. In this research was carried out an intervention with a didactic game "Trail of Protection". The research population was the students of two classes of the 7th grade (Class A and Class B) and the 8th grade (Class A and Class B) of the Elementary School of a State Public School, Santa Rosa, totaling 98 students. Through the "Protection Trail" game, it was possible to empower the individuals in the face of sexual violence, who had the opportunity to dialogue, exchange and share knowledge about the issue. Therefore, in this research we understand that gender, gender violence and sexual violence may be part of school curricula, including in science and biology classes. We conclude that, at the same time that the school is forming a student, it is also forming subjects of language, which are marked by discourses and relations of power.

Keywords: Science teaching; Children and Adolescents; Genre; Sexual Violence.



Introdução

Esta pesquisa parte da temática de gênero e violência sexual, optou-se por este tema para possibilitar diálogos e debates no contexto do ensino de Ciências nas escolas de Educação Básica. O gênero e a violência sexual, são temas que atualmente estão sendo amplamente debatidos em nossa sociedade.

Como apontam os estudos de Inoue e Ristum (2008), a escola deve ter comprometimento com a garantia dos direitos da criança e do adolescente, e a adesão da escola fortalece a militância em favor destes direitos. Diante da temática proposta, impõe-se questionar: Como os licenciandos podem possibilitar diálogos e debates sobre o gênero e violência sexual nas escolas de Educação Básica?



Considerando a necessidade de dialogar com crianças e adolescentes, dentre as autoras que apontam o abuso sexual como violência de gênero, destacamos as publicações de Araújo (2002) e Saffioti (2007). A literatura da área (Florentino, 2015); (Azevedo e Guerra, 2000), demonstra que o abuso sexual é frequentemente praticado sem o uso da força física e na maioria das vezes não deixa marcas visíveis, o que dificulta a sua comprovação, principalmente quando se trata de crianças pequenas.

A discussão em torno da violência sexual de crianças e adolescentes iniciou-se no Brasil, a partir da segunda metade dos anos de 1980, essa problemática começou a preocupar defensores de direitos humanos e trabalhadores na área de atenção à criança e ao adolescente. Segundo Lima e Deslandes (2011), a institucionalização do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), é constituído um novo paradigma de proteção integral, determinando o reconhecimento de crianças e adolescentes brasileiros enquanto sujeitos de direitos.

Esta pesquisa teve como objetivo geral: compreender as relações e as concepções entre gênero e violência sexual dos estudantes no âmbito da Educação Básica.

Materiais e Métodos: o caminho da pesquisa

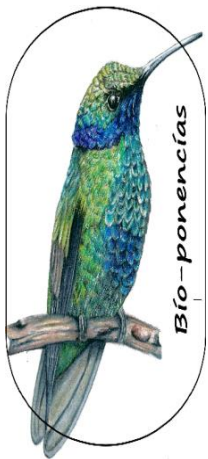
Esta pesquisa em educação caracteriza-se em sua natureza pela abordagem qualitativa. Nesta investigação também tem em sua tipologia a pesquisa de campo, pois extraímos dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo.

Em relação ao tipo de investigação trata-se de pesquisa bibliográfica, que possibilitou adquirir embasamento teórico para a pesquisa, e a partir deste embasamento, a produção do jogo didático, que foi utilizado para realizarmos a pesquisa de campo com intervenções e com observação.

A população de pesquisa foram os estudantes de duas turmas do 7º ano (Turma A e Turma B) e do 8º ano (Turma A e Turma B) do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual, do município de Santa Rosa, totalizando em 98 alunos. A fim de garantir a autoria e ao mesmo tempo o sigilo, os/as licenciandos/as foram nominadas para a análise e a escrita narrativa como “pesquisadora 1; pesquisadora 2; pesquisadora 3; pesquisadora 4; pesquisadora 5”. Seus excertos de escritas narrativas estão colocadas em destaque tipográfico *itálico*, entre aspas.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a confecção de um jogo que ficou intitulado como “trilha da proteção”. Para a sua confecção primeiramente foi elaborado cartinhas sobre o tema, logo em seguida foi confeccionado um tabuleiro contendo uma trilha. Os materiais necessários para a confecção do jogo foram, canetas hidrocor, tesoura, cola, régua, lápis, computador, cópias reprográficas em folha A3, impressão de um banner, papel contact colorido e transparente, dado, bonecos em miniatura, EVA de diversas cores.

Por tratar-se de um instrumento de coleta de dados, durante a intervenção com o jogo, os/as pesquisadores/as observaram os estudantes, seus diálogos, suas atitudes e suas reflexões e relações que foram estabelecendo, com as informações das cartas do jogo de trilha. Para análise dos dados foram elaboradas escritas narrativas pelos/as licenciandos/as que fizeram a intervenção com o jogo didático. As escritas narrativas favorecem uma maior análise da temática de pesquisa a partir de vários cenários de análise.



Análise da Intervenção com o jogo didático: Trilha da Proteção

O jogo foi confeccionado com base nos estudos de Meyer (2017), envolvendo a temática da violência sexual, considerando que não há como abordar esse tema descolado de temas como: gênero, o machismo, o feminismo e a violência de gênero. Foi desenvolvido para ser utilizado com adolescentes, tendo em vista que os mesmos, já tenham sido iniciados em discussões sobre sexualidade e gênero no âmbito escolar.

De um total de 49 cartas, entre vermelhas e verdes; foram elaboradas 24 cartas vermelhas contendo informações negativas, envolvendo a temática proposta, destas 17 cartas abordavam a violência sexual e o limite entre a brincadeira e a violência, 3 cartas traziam registros da violência sexual a nível local e a nível nacional, 2 destas cartas traziam a ideologia de gênero e outras 2 cartas traziam trechos de músicas gauchescas, depreciativas em relação à figura feminina.

Também foram elaboradas, 25 cartas verdes com conteúdo informativo dos avanços em relação aos aspectos políticos, legais e educativos sobre o tema; 8 dessas cartas, traziam leis que garantem a integridade física e moral de crianças e adolescentes, bem como visavam promover a igualdade de gênero; 8 cartas possuíam conteúdo informativo sobre prevenção e denúncia de abuso sexual; 4 cartas traziam músicas brasileiras que empoderam a mulher; 3 cartas enfatizaram o papel importante da escola na prevenção das diversas discriminações e na prevenção do abuso sexual; 2 cartas traziam como temática o feminismo e uma carta que trazia a importância de materiais didáticos como o jogo para favorecer a aprendizagem dos alunos.

A trilha da proteção, foi organizada nas cores: vermelha, amarela e verde. As casas vermelhas significavam uma informação negativa, ou ato negativo que tenha ocorrido, o jogador, chegando nessa casa, deveria retirar uma carta vermelha da pilha, ler o texto contido nela e retornar casas, conforme instrução contida na carta. As casas verdes representavam uma informação positiva, o jogador deveria ler a carta, e avançar casas de acordo com as instruções da carta. Já as casas amarelas eram neutras e o jogador deveria permanecer nesta até a próxima rodada.



Num primeiro momento os estudantes foram organizados em dois grupos, divididos em números iguais de integrantes e foram distribuídos os materiais do jogo, realizada a explicação oral e leitura das regras do jogo. A partir da intervenção foram realizadas observações do contexto, da realidade e da intervenção.

Seguem excertos das escritas narrativas acerca da intervenção durante o Jogo Trilha da Proteção das pesquisadoras:

“Durante a intervenção, percebi que o jogo possibilitou diálogo e interação entre os estudantes. Pode-se perceber uma grande diferença no conhecimento prévio que os alunos tinham, os estudantes do 8º ano, por estarem estudando sobre sexualidade nas aulas de Ciências, conseguiram fazer uma maior relação, entre os assuntos apresentados a eles e os fatos do cotidiano. Nestas turmas havia menos risos ao ler os termos utilizados nas cartas, enquanto no 7ºano, as risadas eram mais constantes, talvez por um desconhecimento do tema. Alguns participantes fizeram relação entre o machismo e situações que eles mesmos já presenciaram, acabaram por nos relatar como algumas vezes eles reproduziram esse tipo de comportamento, o que particularmente me impressionou bastante, levando em conta a idade dos mesmos. Pessoalmente, foi uma experiência enriquecedora e gratificante, pois nunca havia entrado em uma sala de aula no papel de professora antes, consegui me colocar no lugar dos meus professores e ter uma visão mais ampla do ambiente escolar.” (Pesquisadora 1, escritas narrativas da prática de ensino, 16/10/2018 e 19/10/2018).

“Logo após termos contato com um ambiente escolar, pude perceber que é de suma importância as escolas abordarem este tema, para manter os alunos informados, pois com informação é mais fácil de evitar abusos, pude perceber que tem muitas meninas que se sobressaem neste tema e tem curiosidade sobre o mesmo e opinião formada, havendo uma situação em que uma menina nos procurou para relatar comportamentos machistas na turma e que já havia argumentado com colegas, mas não obteve resultados positivos, porém pude perceber que há alunos que não possuem uma adaptação positiva quando o tema é “gênero”, pois observei que um determinado estudante não compreendeu as cartas que explicavam as diferenças entre sexualidade e gênero, tendo um comportamento um pouco agressivo, não demonstrando nenhum tipo de mudança após atividade proposta. Tive a oportunidade de enfatizar até onde é



brincadeira e quando ultrapassa e se torna violência, pois o que faz a brincadeira muitas vezes não tem a consciência que a “brincadeira” pode ser violência. O estudante que sofre por vezes não fala sobre o fato. Ao enfatizar isso para os estudantes, muitos relatavam ou afirmavam com os colegas que estavam próximos que isso acontecia e que muitos não tinham conhecimento que isso é violência.” (Pesquisadora 2, escritas narrativas da prática de ensino, 16/10/2018 e 19/10/2018).

“No final dessa experiência, de estar tendo contado com os estudantes, percebi as lacunas no ensino da sexualidade na escola, que é ensinado de forma fragmentada, descaracterizando e excluindo a temática de gênero, pois percebi que muitos estudantes não sabiam o que era gênero, ou desconheciam a violência de gênero e a violência sexual, inclusive os dados locais expressos nas cartas. Muitos estudantes mostraram interesse em saber mais sobre esse assunto, muitos não sabiam nem o que fazer ou quem procurar. Uma estudante até perguntou para mim isso, pois constatou que seus pais não acreditavam ou se importavam quando ela falava algo sobre isso. Também percebi que em uma turma, os meninos estavam bem separados das meninas sendo estas menos da metade da turma. Em outra turma percebeu-se também que os meninos estavam mais interessados no assunto e interagiam mais que as meninas. Ao final dessa experiência, pude notar que foi de grande valia para mim porque tive contato com estudantes de diferentes realidades do município de Santa Rosa e fico grata por ter tido essa primeira chance.” (Pesquisadora 3, escritas narrativas da prática de ensino, 16/10/2018 e 19/10/2018).



“Como sabemos, a sexualidade diz respeito ao ser humano e se faz presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos e, se encontra marcada pela história, cultura e ciência. No entanto, o principal objetivo deste trabalho foi proporcionar práticas pedagógicas diferenciadas sobre sexualidade a estudantes de 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, conduzindo-os a reflexões e entendimentos sobre o tema “violência sexual”. Percebi com esta pesquisa que falar sobre sexualidade nas escolas não é orientar sexualmente os alunos, mas sim fazer com que estes possam construir e refletir suas escolhas criando assim um senso crítico em relação as suas escolhas não somente a questão da sexualidade, mas também, as consequências que estas escolhas podem acarretar em suas vidas. Durante o jogo “trilha da proteção” percebi que os alunos de 7º ano tinham mais dificuldade de compreender os estudos sobre violência sexual,

considerando que o tema da sexualidade no currículo escolar é parte integrante dos conteúdos de Ciências do 8º ano, então os estudantes do 7º ano, ainda não tiveram oportunidade de conhecer mais esta temática.” (Pesquisadora 4, escritas narrativas da prática de ensino, 16/10/2018 e 19/10/2018).

“Durante o Jogo uma estudante menina demonstrou muito interesse e empolgação, inclusive afirmou ‘sou feminista’, após ler os conceitos e disse que vinha lendo e se interessa por este tema do feminismo há muito tempo; nesta mesma turma as cartas do jogo geraram polêmica, pois um estudante menino ao ler a carta que explicava as diferenças entre sexualidade e identidade de gênero, repetia após ler a carta várias vezes a turma ‘sou contra a identidade de gênero’, e após alguns colegas intervirem, reafirmou ‘sou machista’.” (Pesquisadora 5, escritas narrativas da prática de ensino, 16/10/2018 e 19/10/2018).



Na turma do 7º ano B, participaram 22 estudantes, destes ao formar os grupos para o jogo percebemos que dividiram-se em proporções iguais de meninos e meninas, no grupo 1 haviam 5 meninas e 6 meninos, no grupo 2 haviam 3 meninas e 8 meninos. Já no 7º ano A dividiram-se de forma mais desproporcional, ficando o grupo 1 com 13 meninos e nenhuma menina, e grupo 2 ficou proporcional 7 meninos e 7 meninas. Durante a divisão nos grupos da turma do 7º ano A, fizemos tentativas de diálogos com os grupos pedindo que as meninas se dividissem e fossem para ou outro grupo, mas estas não aceitaram. Identificamos que em ambas as turmas de 7º ano os estudantes tinham dificuldades com a contagem das casas e iam corrigindo uns aos outros. Ainda sobre as turmas de 7º ano percebemos que estas eram bem competitivas, ficavam mais preocupadas e ansiosas em avançar casas no jogo, se comparando para ver quem ia ganhar o jogo, porém no início da atividade enfatizamos que o objetivo do jogo não era a competição, mas sim a troca de informações e o diálogo. Estas observações não foram constatadas com tanta evidência nas turmas de 8º ano A e 8º ano B, que demonstraram maior interesse pelas informações que o jogo trouxe, centrando-se na leitura e no diálogo com as pesquisadoras e com os demais estudantes do grupo que jogavam.

Ainda com base nos estudos de Meyer (2017), ao trazer informações e conhecimentos as crianças e aos adolescentes, oportuniza-se que consigam perceber os comportamentos sedutores e coercitivos dos que praticam a violência sexual e as maneiras para que se livrem dessas investidas, fazendo com que

procurem ajuda em outro adulto de confiança, considera-se que esta foi a base lógica proposta para a elaboração do jogo, dentro da proposta de prevenção primária. Acredita-se que a trilha da proteção tinha como objetivo, a elaboração de jogo didático, de fácil entendimento, com a proposta de prevenir a violência sexual e a violência de gênero. Possibilitou que os estudantes promovessem debates, diálogos, produzissem novos conhecimentos sobre essa temática, foi possível perceber no discurso de alguns o quanto estas práticas podem ser significativas e contribuir para a reflexão crítica, pelos discursos foi possível reconstruir preconceitos, discriminação e estereótipos.

Conclusões

Nesta pesquisa percebeu-se a importância de dialogar com os estudantes no jogo de trilha, e a importância da instituição escolar de Educação Básica, ao problematizar não apenas a sexualidade de forma fragmentada ou utilizando-se de metodologias mais tradicionais. A intenção de utilizar estratégias de ensino mais ativas, a fim de facilitar o processo de aprendizagem, o uso de um instrumento didático e lúdico, como o jogo.

Dessa forma, salientamos a importância da elaboração e da utilização do jogo, para o nosso aprendizado como futuros professores. Conseguimos observar durante a intervenção, algumas lacunas no ensino, devido a ausência da discussão de temas como o gênero, a violência sexual e as tolerâncias com as diferenças, que podem e devem ser inseridas no currículo escolar, principalmente pelos professores de Ciências e de Biologia.

Portanto, nesse pequeno espaço de tempo foi possível perceber algumas mudanças nos discursos dos estudantes, que buscaram novos conhecimentos pelos diálogos e pela leitura das informações nas cartas do jogo, resignificando o que já estava tacitamente aceito em seus discursos e cotidianos, revelando discursos e comportamentos machistas e de discriminação em relação aos outros sujeitos.

Referências

Araújo, M. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7 (2) (jul./dez.), 3-11.



- Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. (2000). Políticas sociais e a violência doméstica contra crianças e adolescentes: breves incursões no panorama internacional. En: Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. (ed.). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento* (p. 246-75). São Paulo: Cortez.
- Estatuto da Criança e do Adolescente*. (1990). Câmara dos Deputados, **Lei 8.069**, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF. Recuperado em 10 abril 2019, de www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm
- Florentino, B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27 (2) (mai./ago.), 139-144.
- Inoue, S. R. V. & Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de psicologia*. 25(1), 11-21.
- Lima, J. & Deslandes, S. (2011). A notificação compulsória do abuso sexual contra crianças e adolescentes: uma comparação entre os dispositivos americanos e brasileiros. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 15(38), 1-13.
- Meyer, F. (2017). Análise do jogo trilha da proteção: como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil. (Dissertação, Mestrado Profissional em Educação Sexual), Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Recuperado de http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/4188.pdf
- Saffioti, H. (2007). A síndrome do pequeno poder. En: Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. (org). *Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.